

# Desafiando Hegemonias: Perspectivas Feministas, Interseccionais e Decoloniais sobre Masculinidades

*George Moraes De Luiz*<sup>1</sup>  
*Ewerton Boritza Ségua*<sup>2</sup>  
*Jean Carlos Lacerda Pessoa*<sup>3</sup>  
*Stéfany Alves Camblour Calvo*<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este estudo analisa as masculinidades sob perspectivas feministas, interseccionais e decoloniais, revelando sua complexidade. Fundamentado em teorias pós-estruturalistas e nos trabalhos de Scott, Butler e Connell, investiga as masculinidades em diversos contextos sociais. A análise abrange saúde, esporte, educação e mídia, destacando como gênero, raça e classe social se interseccionam na construção das identidades masculinas. Estudos recentes revelam desigualdades no acesso à saúde para homens negros, expectativas específicas relacionadas às masculinidades negras no esporte, e dinâmicas escolares complexas. Representações midiáticas são criticamente analisadas, evidenciando a persistência de estereótipos. A perspectiva decolonial destaca as influências coloniais na formação das masculinidades contemporâneas. O artigo enfatiza a importância de políticas que reconheçam a diversidade das experiências masculinas e sugere a ampliação das interseções a serem exploradas em pesquisas futuras. Conclui-se que uma abordagem interseccional e decolonial das masculinidades é crucial para uma sociedade mais equitativa, oferecendo insights para abordar desigualdades e promover a coexistência de diversas formas de masculinidade.

**Palavras-chave:** Masculinidades; interseccionalidade; decolonialidade; gênero; raça; representações midiáticas.

## *Challenging Hegemonies: Feminist, Intersectional, and Decolonial Perspectives on Masculinities*

**ABSTRACT:** *This study analyzes masculinities through feminist, intersectional, and decolonial perspectives, revealing their complexity. Grounded in post-structuralist theories and the works of Scott, Butler, and Connell, it examines masculinities in various social contexts. The analysis covers health, sports, education, and media, highlighting how gender, race, and social class intersect in the construction of masculine identities. Recent studies reveal inequalities in healthcare access for black men, specific expectations about black masculinities in sports, and complex school dynamics. Media representations are critically analyzed, evidencing persistent stereotypes. The decolonial perspective exposes colonial influences on contemporary masculinities. The article emphasizes the importance of policies that recognize the diversity of masculine experiences. It suggests exploring additional intersections in future research. The study concludes that an intersectional and decolonial understanding of masculinities is crucial for a more equitable society, offering insights to address inequalities and promote the coexistence of diverse forms of masculinity.*

**Keywords:** *Masculinities; intersectionality; decoloniality; gender; race; media representations.*

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP; docente da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), george@ufr.edu.br.

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), boritza.ewerton@aluno.ufr.edu.br.

<sup>3</sup> Graduando em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), jeancpl321@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em Psicologia, Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), stefanycamblour@gmail.com.

## ***Desafiando Hegemonías: Perspectivas Feministas, Interseccionales y Decoloniales sobre Masculinidades***

**RESUMEN:** *Este estudio analiza las masculinidades desde perspectivas feministas, interseccionales y decoloniales, revelando su complejidad. Fundamentado en teorías postestructuralistas y en los trabajos de Scott, Butler y Connell, examina las masculinidades en diversos contextos sociales. El análisis abarca salud, deporte, educación y medios de comunicación, destacando cómo género, raza y clase social se intersectan en la construcción de las identidades masculinas. Estudios recientes revelan desigualdades en el acceso a la salud para hombres negros, expectativas específicas sobre masculinidades negras en el deporte, y complejas dinámicas escolares. Las representaciones mediáticas son analizadas críticamente, evidenciando estereotipos persistentes. La perspectiva decolonial expone influencias coloniales en las masculinidades contemporáneas. El artículo enfatiza la importancia de políticas que reconozcan la diversidad de las experiencias masculinas. Se sugiere explorar intersecciones adicionales en investigaciones futuras. Se concluye que la comprensión interseccional y decolonial de las masculinidades es crucial para una sociedad más equitativa, ofreciendo ideas para abordar desigualdades y promover la coexistencia de diversas formas de masculinidad.*

**Palabras clave:** *Masculinidades; interseccionalidad; decolonialidad; género; raza; representaciones mediáticas.*

### **Introdução**

Os estudos sobre masculinidades emergiram como um campo de investigação a partir das teorias feministas do século XX, ganhando destaque entre as décadas de 1970 e 1990 (Connell, 2003; Vigoya, 2018). Este campo interdisciplinar busca compreender como as identidades masculinas são construídas, vivenciadas e contestadas em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. A evolução desses estudos reflete uma mudança significativa na compreensão do gênero, como uma categoria relacional e socialmente construída, afastando-se de concepções essencialistas e biologizantes (Medrado & Lyra, 2008; Zanello, 2020).

O contexto que antecedeu o surgimento dos estudos sobre masculinidades foi marcado pela necessidade de enfatizar a dimensão relacional do gênero. Os movimentos feministas, juntamente com os movimentos LGBTQIA+, começaram a problematizar o conceito de “gênero”, buscando evidenciar as estratégias de poder que naturalizam as relações sociais e implicam em relações assimétricas de poder (Oliveira, 2022; Vigoya, 2018). Esta perspectiva relacional permitiu compreender as masculinidades como configurações de práticas estruturadas pelas relações de gênero, expressas através de processos históricos e políticos e atravessadas por instituições e estruturas sociais (Connell, 2003; Oliveira, 2022).

A relevância deste estudo se fundamenta na necessidade de compreender as masculinidades em sua pluralidade, reconhecendo a interseccionalidade como uma ferramenta analítica. Kimberlé Crenshaw, no final da década de 1980, propôs a perspectiva interseccional

para investigar como o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam relações de poder (Bilge & Collins, 2020). Esta abordagem é fundamental para analisar as masculinidades, pois permite compreender como diferentes marcadores sociais, como raça, classe e sexualidade, interagem na construção e vivência das identidades masculinas (Nogueira, 2017; Vigoya, 2018).

Além disso, a perspectiva decolonial nos estudos de gênero e masculinidades tem ganhado relevância, especialmente no contexto latino-americano. Esta abordagem busca compreender como as noções de masculinidade foram construídas e influenciadas pelas hierarquias de poder, controle e subjugação empenhadas pelos colonizadores, condicionando dinâmicas de opressão de gênero e raça que continuam a reverberar nas sociedades contemporâneas (Aguirre, 2020; Ribeiro & Faustino, 2017).

A presente pesquisa propõe-se a analisar como a categoria masculinidades é abordada nos estudos sobre gênero, com ênfase nas perspectivas feministas, interseccionais e decoloniais. Especificamente, busca-se: a) compreender o debate sobre masculinidades na perspectiva das epistemologias feministas; b) discutir masculinidades nas intersecções entre gênero, raça e classe social; e c) debater masculinidades a partir dos estudos de gênero e decolonialidade.

Este estudo justifica-se pela necessidade de fomentar discussões sobre os constructos hegemônicos, as dinâmicas assimétricas e as violências estruturais que permeiam as relações sociais, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e resistência, como a criação de políticas públicas. Além disso, busca contribuir academicamente para o campo das Ciências Humanas e Sociais, incentivando novas reflexões nos estudos sobre gênero e masculinidades.

A abordagem metodológica adotada é de natureza qualitativa, do tipo exploratória, caracterizando-se pela investigação da categoria masculinidade a partir da perspectiva interseccional. Por meio de uma revisão sistemática da literatura, busca-se identificar, classificar e analisar a produção científica sobre masculinidades, com ênfase nas intersecções entre gênero, raça e classe social.

Ao explorar as masculinidades sob estas perspectivas, espera-se contribuir para uma compreensão mais ampla e contextualizada das identidades masculinas, reconhecendo sua diversidade e as complexas relações de poder que as permeiam. Este estudo visa, portanto, não apenas ampliar o conhecimento teórico sobre o tema, mas também fornecer subsídios para

intervenções práticas que promovam a equidade de gênero e o enfrentamento às diversas formas de opressão e discriminação.

## **1. Fundamentação Teórica**

### **1.1 Conceituação de gênero e masculinidades**

O conceito de gênero, como categoria analítica, surgiu no contexto dos estudos feministas para questionar a naturalização das diferenças sexuais e evidenciar o caráter social das distinções baseadas no sexo (Scott, 1995; Zanello, 2020). Gênero é compreendido como uma construção social que organiza relações de poder e atribui significados a corpos sexuados, influenciando comportamentos, expectativas e papéis sociais (Butler, 2003; Connell, 2003).

Nesse contexto, as masculinidades são entendidas como configurações de práticas estruturadas pelas relações de gênero, que se manifestam em processos históricos e são atravessadas por instituições e estruturas sociais (Connell, 2003; Medrado & Lyra, 2008). Connell e Messerschmidt (2013) propõem o conceito de “masculinidade hegemônica”, que se refere a um padrão de práticas que possibilita a dominação dos homens sobre as mulheres e outros homens considerados subordinados.

### **1.2 Perspectivas feministas sobre masculinidades**

As perspectivas feministas têm sido fundamentais para o desenvolvimento dos estudos sobre masculinidades. Hooks (2004) e Zanello (2020) argumentam que o feminismo não apenas beneficia as mulheres, mas também oferece aos homens a possibilidade de libertação dos padrões opressivos de masculinidade. O feminismo negro, em particular, tem contribuído significativamente para a compreensão das masculinidades em sua intersecção com raça e classe (Collins, 2019; Ribeiro, 2019).

Autoras como Connell (2003) e Vigoya (2018) enfatizam a importância de analisar as masculinidades como parte de um sistema de relações de gênero, reconhecendo sua pluralidade e as relações de poder que as permeiam. Esta abordagem permite compreender como diferentes formas de masculinidade são produzidas, reproduzidas e transformadas em contextos sociais específicos.

### **1.3 Interseccionalidade: gênero, raça e classe**

A interseccionalidade, conceito desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, é uma ferramenta analítica importante para compreender como diferentes sistemas de opressão se entrecruzam e produzem experiências únicas de discriminação e privilégio (Bilge & Collins, 2020). Nos estudos sobre masculinidades, a abordagem interseccional permite analisar como gênero, raça e classe social interagem na construção e vivência das identidades masculinas (Nogueira, 2017; Vigoya, 2018).

Akotirene (2019) e Ribeiro (2019) destacam a importância da interseccionalidade para compreender as experiências de homens negros, por exemplo, que enfrentam simultaneamente o racismo estrutural e as pressões para performar uma masculinidade hegemônica. Esta perspectiva revela como diferentes marcadores sociais influenciam as formas como as masculinidades são construídas, vivenciadas e contestadas em diversos contextos sociais.

### **1.4 Decolonialidade e estudos de gênero**

A perspectiva decolonial nos estudos de gênero e masculinidades busca compreender como as noções de masculinidade foram construídas e influenciadas pelas hierarquias de poder impostas pelo colonialismo (Aguirre, 2020; Lugones, 2014). Esta abordagem questiona a universalidade das concepções ocidentais de gênero e masculinidade, reconhecendo a diversidade de experiências e formas de organização social em diferentes culturas.

Ribeiro e Faustino (2017) argumentam que a colonialidade do poder, conceito desenvolvido por Aníbal Quijano, tem implicações diretas na construção das masculinidades em contextos pós-coloniais. Eles destacam como as hierarquias raciais e de gênero estabelecidas durante o período colonial continuam a influenciar as relações de poder e as identidades masculinas na contemporaneidade.

### **1.5 Construcionismo social e práticas discursivas**

O construcionismo social, abordagem teórico-metodológica que fundamenta este estudo, compreende o conhecimento como uma construção social, historicamente situada e culturalmente localizada (Gergen, 1985; Spink, 2010). Nesta perspectiva, as masculinidades são entendidas como construções sociais que emergem das interações cotidianas e são sustentadas por práticas discursivas.

Mary Jane Spink, importante teórica do construcionismo social no Brasil, propõe o conceito de práticas discursivas para analisar os processos de produção de sentidos no cotidiano (Spink & Medrado, 2013). As práticas discursivas são compreendidas como linguagem em ação, ou seja, as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam nas relações sociais cotidianas.

Aplicada aos estudos sobre masculinidades, a abordagem das práticas discursivas permite investigar como os sentidos sobre ser homem são produzidos, negociados e transformados nas interações sociais. Spink e Menegon (2013) argumentam que esta perspectiva possibilita compreender as masculinidades como construções flexíveis e dinâmicas, que variam de acordo com os contextos históricos, culturais e sociais.

O construcionismo social e a análise das práticas discursivas oferecem uma alternativa às abordagens essencialistas, permitindo explorar a diversidade de masculinidades e as formas como elas são construídas e negociadas no cotidiano. Esta perspectiva é particularmente útil para compreender como as masculinidades se interseccionam com outros marcadores sociais, como raça e classe, e como são influenciadas por estruturas de poder e discursos dominantes.

Em síntese, a fundamentação teórica apresentada fornece um arcabouço conceitual que permite analisar as masculinidades em sua complexidade, reconhecendo sua natureza socialmente construída, plural e interseccional. As perspectivas feministas, interseccionais e decoloniais, aliadas ao construcionismo social e à análise das práticas discursivas, oferecem ferramentas teóricas e metodológicas para investigar como as masculinidades são produzidas, reproduzidas e transformadas em diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

## **2. Masculinidades através das Ondas Feministas: uma análise evolutiva**

A evolução do pensamento feminista, ao longo de suas três ondas históricas, trouxe consigo uma transformação significativa na compreensão e abordagem das masculinidades. Esta análise revela como as diferentes vertentes feministas contribuíram para uma visão cada vez mais complexa e multifacetada das identidades masculinas e seu papel nas relações de gênero.

Na primeira onda feminista, que se estendeu do século XIX até a década de 1960, a masculinidade era frequentemente vista através de uma lente essencialista. O feminismo liberal desta época, representado pelo movimento sufragista, focava principalmente na igualdade de direitos civis e educacionais entre homens e mulheres. Como apontam Mann e Patterson (2016)

e Oxley (2011), as feministas liberais buscavam reformas dentro do sistema democrático existente, sem necessariamente questionar as estruturas mais profundas da masculinidade.

Neste período, as características associadas à masculinidade - como racionalidade, intelectualidade e força física - eram vistas como ideais aos quais as mulheres deveriam ter acesso. Brown e Ismail (2019) observam que as abordagens liberais enfatizavam a conscientização e transformação individual dos homens, buscando reduzir a violência contra as mulheres, mas sem questionar de forma mais ampla as estruturas patriarcais.

A segunda onda feminista, que emergiu na década de 1960 e se estendeu até os anos 1990, trouxe uma mudança significativa na percepção da masculinidade. As vertentes socialista/marxista e radical desta onda começaram a analisar a masculinidade não apenas como um conjunto de características individuais, mas como parte de um sistema mais amplo de opressão.

O feminismo socialista/marxista, como destacam Messner (1998) e Middleton (1998), explorou os paradoxos da masculinidade nas diferentes classes sociais, revelando como o trabalho poderia simultaneamente conferir poder e ameaçar a identidade masculina. Esta abordagem integrou noções de gênero e classe, proporcionando uma visão mais nuançada das experiências masculinas.

Por sua vez, o feminismo radical, conforme analisado por Gardiner (2005), identificou o patriarcado como a raiz da desigualdade social, vendo todos os homens como beneficiários da supremacia masculina. Esta perspectiva teve um impacto significativo ao promover grupos de autoconsciência e questionar os benefícios masculinos derivados do patriarcado. MacKinnon (1987, apud Gardiner, 2005) chegou a vincular a dominação de gênero à prática sexual violenta e à força masculina.

O feminismo cultural, baseando-se na teoria psicanalítica, trouxe uma nova dimensão ao entendimento do desenvolvimento das diferenças de gênero. Gremillion (2011) destaca como autoras dessa vertente argumentaram que as posturas e performances de gênero são desenvolvidas através de processos psicológicos individuais na criação das crianças.

A terceira onda feminista, iniciada no final dos anos 1980, marcou uma mudança paradigmática na compreensão das masculinidades. O feminismo negro e o pós-estruturalista foram particularmente influentes nesta fase, trazendo à tona a interseccionalidade e a fluidez das identidades de gênero. O feminismo negro, como evidenciado nos trabalhos de Conrado e Ribeiro (2017), Ribeiro (2015), e Barreto (2021, 2022), ampliou a análise de gênero para incluir

as intersecções com raça, classe e sexualidade. Esta abordagem revelou como as características atribuídas aos homens negros foram historicamente desenvolvidas para reforçar estereótipos e ideologias do período escravocrata. Bell Hooks, uma figura proeminente neste campo, criticou o discurso anti-homem do feminismo estadunidense e propôs o diálogo e o cuidado afetivo como caminhos para superar a dominação masculina (Hooks, 1991, 1992, 2000, 2004).

O feminismo pós-estruturalista, por sua vez, questionou fundamentalmente as concepções predominantes de gênero. Judith Butler, uma teórica central nesta vertente, argumentou que o gênero é uma performance social, não uma característica inata. Sua teoria da performatividade de gênero postula que os gêneros se estabelecem através de repetições de atos realizados pelas pessoas, mediados pelo contexto normativo cultural (Butler, 1990, 1997, 2004).

Esta evolução na compreensão das masculinidades através das ondas feministas revela uma progressão de uma visão essencialista para uma compreensão mais fluida e interseccional. A primeira onda buscava igualar as mulheres aos homens em termos de direitos e oportunidades. A segunda onda começou a questionar as estruturas que sustentavam a dominação masculina. A terceira onda, por sua vez, desafiou a própria noção de categorias fixas de gênero, explorando como as masculinidades são construídas e performadas em diferentes contextos sociais e culturais. As implicações desta evolução são profundas. Como observam Brown e Ismail (2019), as abordagens feministas contemporâneas em projetos educacionais sobre masculinidade visam promover diversas expressões de gênero, desafiando noções binárias e restritivas. Isso abre caminho para uma compreensão mais inclusiva e equitativa das relações de gênero.

No entanto, é importante notar que essa evolução não foi linear ou sem controvérsias. Críticas às abordagens pós-estruturalistas, por exemplo, apontam para o risco de invisibilização do feminismo ao eliminar categorias como "Mulher", e para um foco excessivo no individualismo em detrimento do ativismo coletivo.

Em conclusão, a análise da masculinidade através das lentes das diferentes ondas e vertentes feministas revela um campo de estudo rico e em constante evolução. Desde as reivindicações por igualdade da primeira onda até as explorações de fluidez e interseccionalidade da terceira onda, o feminismo tem consistentemente desafiado e expandido nossa compreensão das masculinidades. Este processo contínuo de questionamento e

reconfiguração não apenas enriquece nossa compreensão teórica, mas também oferece caminhos práticos para a construção de relações de gênero mais equitativas e inclusivas.

À medida que avançamos, é funcional que continuemos a explorar as masculinidades de maneira crítica e reflexiva, reconhecendo tanto os privilégios quanto as pressões que as normas de gênero impõem aos homens. Ao fazê-lo, podemos trabalhar em direção a uma sociedade onde as expressões de gênero sejam verdadeiramente livres e diversas, beneficiando todos os indivíduos, independentemente de sua identidade de gênero.

### **3. Masculinidades nas intersecções entre gênero, raça e classe social**

A análise da produção científica recente sobre masculinidades nas intersecções entre gênero, raça e classe social revela um campo de estudo em rápida evolução, com implicações significativas para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas. Os estudos examinados demonstram uma forte influência da corrente pós-estruturalista, com destaque para as contribuições de Joan Scott e Judith Butler no campo dos estudos de gênero, e de Raewyn Connell no âmbito específico das masculinidades. Esta base teórica proporciona um entendimento das masculinidades como construções sociais dinâmicas, influenciadas por múltiplos fatores e em constante negociação.

A complexidade das masculinidades se manifesta em diversos contextos sociais, como saúde, esporte, educação e mídia. No campo da saúde, Oliveira, Couto, Separavich e Luiz (2020) exploraram como as desigualdades sociais impactam a saúde de jovens negros da periferia, revelando que o racismo e o classismo influenciam diretamente o acesso desigual aos serviços de saúde e, conseqüentemente, a construção e a vivência das masculinidades negras jovens. Cesaro, Santos e Silva (2018) e Pinto (2023) corroboram esses achados, destacando que as dificuldades dos homens em cuidar da saúde não se limitam apenas à vinculação aos serviços, mas também estão relacionadas a valores morais e estereótipos de improdutividade e incapacidade.

No âmbito esportivo, Brito e Junior (2022) analisaram narrativas de jovens atletas de voleibol, evidenciando como as intersecções entre masculinidade, orientação sexual, raça e classe produzem desigualdades. Seu estudo revela expectativas específicas sobre as masculinidades negras no esporte, frequentemente associadas a atributos como coragem, dominação e força, demonstrando como o corpo negro é marcado por distinções raciais impostas como norma para a afirmação da masculinidade.

O ambiente escolar emerge como outro espaço crucial para a compreensão das masculinidades. Costin e Fernandes (2022) e Junior (2022) exploraram como diferentes marcadores da diferença influenciam as experiências dos estudantes, revelando a complexidade das relações entre os meninos e evidenciando rejeições ou aderências a diferentes categorias de masculinidades. Junior (2022), em particular, apresentou entrevistas com adolescentes negros, abordando temas como a hipersexualização do corpo negro, a vulnerabilidade à abordagem policial e o fracasso escolar, demonstrando como múltiplas masculinidades coexistem e competem por reconhecimento no ambiente educacional.

As representações midiáticas das masculinidades também têm sido objeto de análise. Carvalhaes, Verceze e Perreira (2022) e Borges e Lins (2023) identificaram em filmes brasileiros as intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade, explorando como as relações entre diferentes masculinidades são permeadas por modelos hegemônicos e marginalizados. Cruz, Teruya e Maio (2023) analisaram produções audiovisuais que desafiam estereótipos racistas, apresentando corpos negros e não heterossexuais em papéis de protagonismo, destacando o potencial das produções midiáticas em criar resistências e novas representações que valorizam e rompem com concepções discriminatórias.

Soares e Tenório (2020) abordaram o privilégio conferido às pessoas brancas no gênero musical rap, enquanto Viana (2020) analisou como as marcas têm moldado representações de masculinidades negras na publicidade, frequentemente relegando-as a papéis secundários ou estereotipados. Revisões de literatura abrangentes, como as de Ribeiro (2015), Ribeiro e Faustino (2017) e Aguirre (2020), oferecem uma perspectiva histórica sobre como a abordagem interseccional tem influenciado os estudos das masculinidades. Estes trabalhos destacam a formação histórica das masculinidades negras na América Latina, marcada pelo período colonial, e como os estereótipos de masculinidade ligados à violência, dominação e exploração continuam a influenciar as dinâmicas de opressão de gênero e racial nas sociedades contemporâneas.

A análise deste corpo de literatura revela que as masculinidades, quando examinadas através de uma lente interseccional, apresentam uma complexidade que desafia noções simplistas e homogêneas. As intersecções entre gênero, raça e classe social produzem experiências diversas e frequentemente contraditórias de masculinidade, que se manifestam de maneiras distintas em diferentes contextos sociais. Esta complexidade ressalta a necessidade de políticas públicas e intervenções sociais que reconheçam e abordem as necessidades específicas

de diferentes grupos de homens. No contexto da saúde, por exemplo, é fundamental desenvolver estratégias que considerem não apenas questões de gênero, mas também fatores raciais e socioeconômicos que influenciam o acesso e a utilização dos serviços de saúde, como apontado por Oliveira et al. (2020) e Cesaro, Santos e Silva (2018).

No âmbito esportivo e educacional, a pesquisa de Brito e Junior (2022) e Junior (2022) destaca a importância de criar ambientes que desafiem estereótipos e ofereçam oportunidades equitativas para a expressão e desenvolvimento de diversas formas de masculinidade. Ao mesmo tempo, estes espaços também se revelam como potenciais arenas para a contestação e redefinição das normas de masculinidade.

As representações midiáticas emergem como um campo importante na construção e disseminação de ideais de masculinidade. Os estudos de Carvalhaes, Verceze e Perreira (2022), Borges e Lins (2023), e Cruz, Teruya e Maio (2023) demonstram a necessidade de promover narrativas mais diversas e inclusivas, que desafiem as concepções hegemônicas de masculinidade e ofereçam representações positivas e multifacetadas de diferentes grupos de homens.

O avanço na compreensão das masculinidades nas intersecções entre gênero, raça e classe social abre caminhos promissores para futuras pesquisas. Estudos futuros poderiam se beneficiar de uma maior atenção às intersecções com outros marcadores sociais, como sexualidade, idade e deficiência. Além disso, pesquisas comparativas entre diferentes contextos culturais e geográficos poderiam enriquecer nossa compreensão sobre como as masculinidades são construídas e vivenciadas em diferentes sociedades.

Em última análise, o estudo das masculinidades através de uma lente interseccional, como demonstrado pelos trabalhos analisados, não apenas enriquece nossa compreensão teórica, mas também oferece contribuições para a promoção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Ao reconhecer a diversidade e a complexidade das experiências masculinas, podemos desenvolver abordagens mais eficazes para abordar questões de desigualdade e discriminação, promovendo assim um mundo onde múltiplas formas de masculinidade possam coexistir e florescer.

#### **4. Masculinidades e decolonialidade: uma análise crítica das estruturas de poder e opressão**

A intersecção entre masculinidades e decolonialidade oferece um terreno fértil para a análise crítica das estruturas de poder e opressão que permeiam a sociedade contemporânea. Explorar a perspectiva decolonial enriquece nossa compreensão das masculinidades, particularmente no contexto de sociedades marcadas pela herança colonial. Ao investigar as masculinidades através da lente decolonial, é possível questionar as normas hegemônicas que foram impostas durante o processo colonial e que ainda influenciam as dinâmicas de gênero, raça e classe nas sociedades atuais.

O conceito de colonialidade do poder, introduzido por Aníbal Quijano (2005), é fundamental para esta análise. Quijano argumenta que a dinâmica de exploração e subalternização de povos, construída durante o colonialismo, foi crucial para a formação da modernidade. Neste sistema, a raça emergiu como um princípio organizador das estruturas de poder e acúmulo de capital, separando os conquistadores dos povos conquistados. Estes padrões de dominação se estenderam ao controle do trabalho, do Estado e da produção de conhecimento, fundamentando uma sociedade patriarcal e racista necessária para sustentar um sistema eurocentrado (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016).

A decolonialidade, como uma nova forma de produção de conhecimento, busca romper com a epistemologia ocidentalizada, valorizando conhecimentos epistêmicos locais (Reis e Andrade, 2018). Este projeto entende que a dominação colonial naturaliza uma compreensão epistêmica masculina e branca da realidade, velada como uma ideia neutra e universal. Propõe, portanto, um diálogo entre os diferentes povos que foram colonizados ou que vivenciam a colonialidade, através de uma multiplicidade de respostas críticas que ressignifiquem e vão além da visão de uma única modernidade originada na Europa (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016).

No contexto das masculinidades, a perspectiva decolonial revela como os mecanismos de opressão agem de maneira diferente sobre os sujeitos a partir do entrecruzamento de raça e gênero. Gomes (2018) argumenta que gênero deve ser entendido como uma categoria de análise decolonial que, além de ser produzido pelas relações sociais entre os sujeitos, também é capaz de ressignificar os conceitos estabelecidos pela colonialidade sobre corpo, sexo e o que significa ser homem ou mulher.

Santos (2019) destaca que o racismo estrutural determina as formas de representação da subjetividade e do corpo dos homens negros. A colonialidade atua sobre os corpos, utilizando dinâmicas de racialização e generificação para posicionar intencionalmente o homem negro em uma posição diferente da mulher negra dentro das hierarquias de poder, controlando seus corpos e os colocando em posições desiguais. A iconografia presente no imaginário coletivo, estruturada desde o período colonial, afeta os processos de subjetivação de mulheres e homens negros, utilizando imagens racializadas e generificadas para definir seu papel na sociedade.

Esta perspectiva nos permite compreender como o homem negro, também sujeito à opressão e marginalização, participa da subalternização das mulheres negras na sociedade, e entender quais processos históricos definiram as masculinidades invisibilizadas pelo pensamento ocidentalizado enraizado no imaginário social.

A análise decolonial das masculinidades também revela a necessidade de repensar as práticas educacionais e culturais. Silva Junior (2017) e Silva Junior e Borges (2018) destacam a importância de introduzir discussões sobre gênero, sexualidade, masculinidades e raça no contexto escolar, partindo de uma perspectiva decolonial. Estas intervenções podem criar espaços inclusivos onde o debate desses temas produza novas possibilidades de existência para os estudantes e modifique as relações de gênero vigentes na sociedade.

Gill *et al.* (2021) exploram como intervenções artísticas podem desafiar as normas de gênero e raça impostas pela colonialidade. Através de práticas culturais como o passinho carioca, jovens das periferias não apenas resistem à desumanização e à violência racial-genderizada, mas também criam novas formas de masculinidade que desafiam os padrões hegemônicos.

A decolonialidade das masculinidades também implica em uma crítica às representações midiáticas e culturais que perpetuam estereótipos racistas e sexistas. Silva Júnior e Carvalho (2022) analisam como as representações visuais em contextos sexuais podem reforçar imaginários racistas e misóginos, reduzindo a masculinidade negra a um instrumento de prazer e perpetuando estruturas de poder coloniais.

Em conclusão, a análise das masculinidades sob a perspectiva decolonial revela a complexidade e a urgência de repensar as estruturas de poder que moldam nossas sociedades. Esta abordagem não apenas expõe as raízes históricas das desigualdades de gênero e raça, mas também aponta caminhos para a construção de masculinidades mais equitativas e libertadoras.

A decolonialidade das masculinidades exige um compromisso contínuo com a desconstrução de normas opressivas e a valorização de conhecimentos e práticas marginalizadas. Implica em um esforço coletivo para reimaginar as relações de gênero, desafiando não apenas o patriarcado, mas também as estruturas racistas e classistas que o sustentam.

Futuras pesquisas neste campo poderiam se beneficiar de uma maior atenção às experiências vividas de homens de diferentes contextos culturais e sociais, explorando como eles negociam e resistem às normas de masculinidade impostas pela colonialidade. Além disso, é fundamental que este conhecimento seja traduzido em práticas educacionais, políticas públicas e intervenções culturais que promovam masculinidades mais saudáveis e equitativas.

Por fim, a decolonialidade das masculinidades não é apenas um projeto acadêmico, mas um chamado à ação para repensar e reconstruir nossas sociedades de maneira mais justa e inclusiva. Ao desafiar as estruturas de poder enraizadas na colonialidade, abrimos espaço para novas formas de ser homem, novas formas de relações de gênero e, em última instância, novas formas de organização social que respeitem a diversidade e promovam a igualdade.

## **Conclusão**

A análise das masculinidades através das perspectivas feministas, interseccionais e decoloniais revela um campo de estudo complexo e em constante evolução. Este artigo explorou como essas diferentes abordagens contribuem para uma compreensão mais profunda e nuançada das identidades masculinas e suas interações com as estruturas sociais. A evolução do pensamento feminista, desde a primeira onda até as abordagens contemporâneas, demonstrou uma progressiva complexificação na compreensão das masculinidades. Partindo de uma visão inicialmente essencialista, o feminismo passou a reconhecer as masculinidades como construções sociais dinâmicas, influenciadas por múltiplos fatores e em constante negociação. Esta evolução teórica abriu caminho para análises mais sofisticadas das relações de gênero e das experiências masculinas.

A perspectiva interseccional revelou-se fundamental para compreender como as masculinidades são vivenciadas de maneiras distintas em diferentes contextos sociais. Os estudos analisados demonstraram que as intersecções entre gênero, raça e classe social produzem experiências diversas e frequentemente contraditórias de masculinidade. Esta abordagem destacou a necessidade de políticas e intervenções que reconheçam e abordem as

necessidades específicas de diferentes grupos de homens, seja no contexto da saúde, educação, esporte ou representações midiáticas.

A análise decolonial das masculinidades trouxe à tona as raízes históricas das desigualdades de gênero e raça, expondo como as estruturas de poder colonial continuam a moldar as identidades masculinas contemporâneas. Esta perspectiva não apenas criticou as normas opressivas de masculinidade, mas também apontou caminhos para a construção de masculinidades mais equitativas e libertadoras.

Algumas implicações importantes emergem desta análise. É fundamental desenvolver políticas públicas interseccionais que considerem as múltiplas dimensões da identidade masculina, abordando simultaneamente questões de gênero, raça e classe social. A introdução de discussões sobre gênero, sexualidade, masculinidades e raça no contexto educacional, partindo de uma perspectiva decolonial, pode criar espaços mais inclusivos e transformar as relações de gênero. Há uma necessidade urgente de promover narrativas midiáticas mais diversas e inclusivas que desafiem as concepções hegemônicas de masculinidade e ofereçam representações positivas e multifacetadas de diferentes grupos de homens. Intervenções artísticas e práticas culturais podem desempenhar um papel importante na criação de novas formas de masculinidade que desafiam os padrões hegemônicos. A decolonialidade das masculinidades exige um esforço contínuo para desafiar e desconstruir normas opressivas, valorizando conhecimentos e práticas marginalizadas.

Em conclusão, o estudo das masculinidades através das lentes feministas, interseccionais e decoloniais não apenas enriquece nossa compreensão teórica, mas também oferece insights valiosos para a promoção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Ao reconhecer a diversidade e complexidade das experiências masculinas, podemos desenvolver abordagens mais eficazes para abordar questões de desigualdade e discriminação, promovendo assim um mundo onde múltiplas formas de masculinidade possam coexistir e florescer.

Esta pesquisa representa um passo importante na compreensão das masculinidades contemporâneas, mas também destaca a necessidade de um engajamento contínuo com estas questões. À medida que as sociedades evoluem e as dinâmicas de poder se transformam, nossa compreensão das masculinidades também deve evoluir. Somente através de um esforço contínuo de pesquisa, reflexão crítica e ação prática poderemos construir um futuro em que todas as expressões de gênero sejam valorizadas e respeitadas. A jornada para desafiar e reconstruir as noções de masculinidade é complexa e contínua, mas é essencial para criar uma

sociedade mais justa e igualitária. Ao continuar explorando e questionando as masculinidades através de lentes críticas e diversas, abrimos caminho para novas possibilidades de ser e se relacionar, beneficiando não apenas os homens, mas toda a sociedade.

## Referências

- AGUIRRE, R. Masculinidades pensadas desde América Latina. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, n. 2, 2020.
- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BARRETO, R. A. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. *Estudos Feministas*, v. 29, n. 3, 2021.
- BARRETO, R. A. Feminismo negro decolonial e a política do cuidado. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, n. 1, 2022.
- BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFUGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016.
- BILGE, S.; COLLINS, P. H. *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press, 2020.
- BORGES, L. S.; LINS, S. L. B. Masculinidades negras no cinema brasileiro: uma análise interseccional. *Psicologia & Sociedade*, v. 35, 2023.
- BRITO, L. T.; JUNIOR, J. A. B. S. Masculinidades, raça e classe no esporte: narrativas de jovens atletas de voleibol. *Movimento*, v. 28, 2022.
- BROWN, A. L.; ISMAIL, K. J. Feminist theorizing of men and masculinity: Implications for gender equity work with boys and men. *Gender Issues*, v. 36, n. 1, 2019.
- BUTLER, J. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, J. *Excitable speech: A politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, J. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.
- CARVALHAES, F. F.; VERCEZE, J. C.; PERREIRA, J. V. S. Masculinidades em cena: uma análise interseccional de filmes brasileiros. *Psicologia em Estudo*, v. 27, 2022.
- CESARO, H. L.; SANTOS, H. B.; SILVA, F. M. Masculinidades ameaçadas: o que a saúde tem a ver com isso? *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 28, n. 2, 2018.
- COLLINS, P. H. *Intersectionality as critical social theory*. Durham: Duke University Press, 2019.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2nd ed. Berkeley: University of California Press, 2003.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, 2013.
- CONRADO, M.; RIBEIRO, A. A. M. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, 2017.

- COSTIN, A. P. M. S.; FERNANDES, F. B. M. Masculinidades na escola: entre rejeições e aderências. *Educação & Realidade*, v. 47, 2022.
- CRUZ, D. M.; TERUYA, T. K.; MAIO, E. R. Masculinidades negras e não heterossexuais no audiovisual: resistências e novas representações. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 6, n. 17, 2023.
- GARDINER, J. K. Men, masculinities, and feminist theory. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Eds.). *Handbook of studies on men and masculinities*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.
- GERGEN, K. J. The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, v. 40, n. 3, 1985.
- GILL, R. et al. Decolonizing masculinity through performance: The case of passinho dance in Rio de Janeiro. *Gender, Place & Culture*, v. 28, n. 7, 2021.
- GOMES, C. M. Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 18, n. 1, 2018.
- GREMILLION, H. Feminism and the social construction of knowledge. In: O'REILLY, A. (Ed.). *Encyclopedia of motherhood*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2011.
- HOOKS, B. *Yearning: Race, gender, and cultural politics*. Boston: South End Press, 1991.
- HOOKS, B. *Black looks: Race and representation*. Boston: South End Press, 1992.
- HOOKS, B. *Feminist theory: From margin to center*. 2nd ed. Cambridge: South End Press, 2000.
- HOOKS, B. *The will to change: Men, masculinity, and love*. New York: Atria Books, 2004.
- JUNIOR, J. A. S. Masculinidades negras na escola: entre vulnerabilidades e potências. *Educação em Revista*, v. 38, 2022.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, 2014.
- MANN, S. A.; PATTERSON, A. S. *Reading feminist theory: From modernity to postmodernity*. New York: Oxford University Press, 2016.
- MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, 2008.
- MESSNER, M. A. The limits of "The Male Sex Role": An analysis of the men's liberation and men's rights movements' discourse. *Gender & Society*, v. 12, n. 3, 1998.
- MIDDLETON, P. Socialism, feminism and men. *Radical Philosophy*, v. 89, 1998.
- NOGUEIRA, C. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Salvador: Devires, 2017.
- OLIVEIRA, D. C.; COUTO, M. T.; SEPARAVICH, M. A. A.; LUIZ, O. C. Masculinidades e saúde em disputa: uma análise dos estudos sobre a temática. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 30, n. 3, 2020.
- OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2022.
- OXLEY, J. C. *The moral dimensions of empathy: Limits and applications in ethical theory and practice*. London: Palgrave Macmillan, 2011.

PINTO, N. M. Masculinidades e saúde: produção científica e marcos conceituais em diálogo. *Saúde e Sociedade*, v. 32, n. 1, 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REIS, M. V. F.; ANDRADE, M. F. F. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 202, 2018.

RIBEIRO, A. L. R. Homens negros, negro homens: em busca de outras masculinidades. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 32, n. 1, 2015.

RIBEIRO, C. A. C.; FAUSTINO, D. M. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. *Transversos: Revista de História*, v. 10, n. 10, 2017.

RIBEIRO, D. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANTOS, W. O. Masculinidades e violências: gênero e raça na sociabilidade de homens negros. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 7, n. 17, 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA JUNIOR, P. M. Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar. *Tese (Doutorado em Educação)* - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA JUNIOR, P. M.; BORGES, L. S. Masculinidades e educação: (des)construindo sentidos no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 99, n. 251, 2018.

SILVA JÚNIOR, P. M.; CARVALHO, F. S. P. Masculinidades negras em contextos sexuais: uma análise de imagens. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, 2022.

SOARES, T.; TENÓRIO, L. E. R. “Não sou machista, sou realista”: masculinidades no rap brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos da Canção*, v. 8, n. 1, 2020.

SPINK, M. J. P. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2013.

SPINK, M. J. P.; MENEGON, V. M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, M. J. P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2013.

VIANA, L. G. Masculinidades negras na publicidade: uma análise interseccional. *Comunicação & Sociedade*, v. 42, n. 2, 2020.

VIGOYA, M. V. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2020.

Recebido em: agosto de 2024.  
Parecer em: setembro de 2024.  
Publicado em: setembro de 2024.